

**DESCULPE-ME,
SOCIALISTA**

DESCULPE-ME, SOCIALISTA

DESMASCARANDO AS 50 MENTIRAS MAIS CONTADAS PELA ESQUERDA

Editado por LAWRENCE W. REED

Tradução:

LEONARDO CASTILHONE



COPYRIGHT © FARO EDITORIAL, 2018
COPYRIGHT © 2015 BY FOUNDATION FOR ECONOMIC EDUCATION
PUBLISHED BY ARRANGEMENT WITH REGNERY PUBLISHING
REGNERY® IS A REGISTERED TRADEMARK OF SALEM COMMUNICATIONS
HOLDING CORPORATION

Todos os direitos reservados.
Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida sob quaisquer
meios existentes sem autorização por escrito do editor.

Diretor editorial **PEDRO ALMEIDA**
Preparação **TUCA FARIA**
Revisão **CARLA BITELLI, DANIELA TRANCHES DE MELO E RENATO SASSONE**
imagem de capa **ASTUDIO | SHUTTERSTOCK**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Reed, Lawrence

Desculpe-me, socialista : Desmascarando as 50 mentiras
mais contadas pela esquerda / Lawrence W. Reed ; tradução de
Leonardo Castilhone. — São Paulo : Faro Editorial, 2018.
240 p.

ISBN 978-85-9581-048-8
Título original: Excuse-me professor

1. Ciência Política 2. Economia 3. Capitalismo – Aspectos polí-
ticos 4. Progressivismo 5. Filosofia I. Título II. Castilhone, Leonardo

18-1636 CDD 320

Índice para catálogo sistemático:
1. Ciência política : Economia 320



1ª edição brasileira: 2018
Direitos de edição em língua portuguesa, para o Brasil,
adquiridos por FARO EDITORIAL

Alameda Madeira, 162 — Sala 1702
Alphaville — Barueri — SP — Brasil
CEP: 06454-010 — Tel.: +55 11 4196-6699
www.faroeditorial.com.br

Sumário

| | |
|--|----|
| Uma mentira repetida mil vezes se torna verdade? | 7 |
| Introdução | 11 |
| 1. A desigualdade econômica deriva das forças do mercado e exige intervenção estatal | 15 |
| 2. Como nossos recursos estão acabando, o governo precisa gerenciá-los | 19 |
| 3. A igualdade contribui para o bem comum | 23 |
| 4. Quanto mais complexa a sociedade, mais o governo controla o que precisamos | 27 |
| 5. A desigualdade econômica é a maior crise econômica e moral da nossa época | 30 |
| 6. O capitalismo fomenta a ganância, e as políticas governamentais precisam moderá-lo | 34 |
| 7. O livre mercado ignora os pobres | 38 |
| 8. A economia precisa de mais planejamento — ou seja, planejamento <i>central</i> | 41 |
| 9. Os direitos humanos são mais importantes que os direitos à propriedade | 45 |
| 10. Eu tenho o direito! | 48 |
| 11. Os ricos têm obrigação de retribuir. | 52 |
| 12. Prefiro segurança a liberdade. | 56 |
| 13. Cooperação, não competição! | 59 |
| 14. Assistência médica é um direito. | 63 |
| 15. Estamos destruindo a Terra, e o governo precisa fazer alguma coisa. | 67 |
| 16. A propriedade precisa ser partilhada de forma equânime | 70 |
| 17. Só precisamos que as pessoas certas comandem o governo. | 75 |
| 18. A humanidade pode ser melhor compreendida num contexto coletivo. | 80 |
| 19. Governo grande ajuda a controlar grandes negócios | 84 |
| 20. O governo pode ser uma opção mais branda do que a dureza do mercado | 88 |
| 21. As oficinas capitalistas escravizantes e o trabalho infantil clamam por intervenção estatal | 93 |

| | |
|---|-----|
| 22. Acordos voluntários e baseados no mercado ‘usam’ as pessoas | 96 |
| 23. É necessária a ação governamental para o equilíbrio do déficit comercial | 101 |
| 24. Os americanos desperdiçam sua renda consigo mesmos, enquanto as necessidades públicas são negligenciadas | 105 |
| 25. Se o governo não resolver a crise, quem o fará? | 108 |
| 26. A preservação histórica não acontecerá a menos que o governo assuma o controle . | 111 |
| 27. O governo deveria ter o poder de fazer com que as pessoas cuidassem mais de si mesmas | 115 |
| 28. Gastos estatais trazem empregos e prosperidade. | 120 |
| 29. <i>The Jungle</i> , de Upton Sinclair, provou que a regulação era necessária | 123 |
| 30. A Revolução Industrial capitalista amaldiçoou o mundo com o terror do trabalho infantil | 130 |
| 31. Sindicatos trabalhistas elevam salários e o padrão de vida | 135 |
| 32. Roosevelt foi eleito em 1932 baseado numa plataforma de esquerda para planejar a economia | 138 |
| 33. A Grande Depressão foi uma calamidade do capitalismo desenfreado | 142 |
| 34. O governo deve subsidiar as artes | 151 |
| 35. O governo combate a inflação | 156 |
| 36. O <i>outsourcing</i> é ruim para a economia. | 161 |
| 37. Se não foi o New Deal de Roosevelt que pôs fim à Depressão, então foi a Segunda Guerra Mundial | 166 |
| 38. O salário mínimo ajuda os pobres. | 170 |
| 39. Mercados liberais exploram as mulheres | 175 |
| 40. Os ricos estão ficando mais ricos, e os pobres, mais pobres | 179 |
| 41. A Standard Oil Company de Rockefeller provou que precisávamos de leis antitruste para combater monopólios estatais | 184 |
| 42. O livre mercado não pode oferecer educação pública | 194 |
| 43. Warren Buffett paga menos impostos federais que a secretária dele. | 198 |
| 44. Lucro é evidência de comportamento suspeito | 203 |
| 45. Robôs e informatização geram desemprego | 207 |
| 46. Disparidades estatísticas entre raças provam a discriminação | 213 |
| 47. A solução para a explosão demográfica é o controle populacional | 218 |
| 48. Países com escassez de recursos precisam de um planejamento central para se desenvolver | 223 |
| 49. As pessoas amam a história de Robin Hood porque ele tirava dos ricos para dar aos pobres | 227 |
| 50. Capitalistas gananciosos tiram vantagem de pessoas em desastres naturais; controle de preço é a resposta. | 232 |
| Sobre o editor e coautor | 237 |

Uma mentira repetida mil vezes se torna verdade?

Desde que o uso das redes sociais se tornou quase universal, já não há quem não tenha opinião sobre todos os assuntos. Há, no entanto, certo grupo de pessoas cujas opiniões são não apenas invariavelmente previsíveis, mas invariavelmente uniformes, ao ponto de ser possível conceber um gerador eletrônico delas. Não importa se o tema em discussão é econômico, sociológico, cultural ou moral: as opiniões são variações do mesmo refrão. Se parece, portanto, que existe uma espécie de fábrica de clichês da qual todos esses pontos de vista se originam, é porque existe.

Quem são essas pessoas? O que têm em comum? O leitor atento terá notado certos traços característicos. Por exemplo, quase sempre elas têm algum tipo de ligação com o mundo cultural e acadêmico, fato que dá àquilo que dizem o peso da autoridade instituída, o que leva à sua repetição por milhares de outras pessoas que não têm relação com essa autoridade. Uma mentira repetida mil vezes se torna verdade? Não, se torna um clichê. Esse grupo fala também em nome do futuro e do progresso. Progresso, esta é a palavra: de um modo ou de outro, essas pessoas são o que podemos chamar de *progressistas*.

O filósofo norte-americano Thomas Sowell explica que por trás da distinção aparente entre as várias correntes políticas há, na verdade, uma distinção entre duas visões da natureza humana. A visão que costuma corresponder à esquerda pode ser resumida na famosa frase de Jean-Jacques Rousseau: “O homem nasceu livre e por toda a parte se encontra acorrentado”. A guerra, a pobreza, a escassez, a infelicidade humana e os males do mundo, enfim, são

causados pelas instituições e pelas convenções sociais. Para resolvê-los, portanto, é preciso mudar as instituições e para isso é preciso mudar as pessoas, com base na educação e na “conscientização”. John Stuart Mill chegou ao ponto de afirmar que o único impedimento real para a obtenção da felicidade geral era a péssima qualidade da educação. Trotsky foi ainda mais longe e proclamou que sob o socialismo todo o ser humano seria um Goethe ou um Da Vinci. De acordo com essa visão, pois, a natureza humana é essencialmente boa ou, no mínimo, maleável: é preciso apenas direcioná-la para a finalidade adequada. Evidentemente, o direcionador será o intelectual de esquerda iluminado. Daí a tara por tudo problematizar e a todos conscientizar; daí a tendência, por parte dos progressistas, a crer que a humanidade inteira vive e sempre viveu nas trevas e precisa ser conscientizada; daí a vocação para o proselitismo, a moralização, a formação de seitas, o patrulhamento ideológico. Os rótulos de “redneck” e “cozinha”, que os progressistas norte-americanos e brasileiros, respectivamente, deram ao cidadão comum não poderiam ser mais eloquentes: para a esquerda, quem ainda não é de esquerda é um índio à espera do seu jesuíta.

Se tudo isso parece longínquo e abstrato, que o leitor faça a experiência de abrir um grande jornal qualquer. Sem dúvida terá a impressão de que a sociedade brasileira chegou ao consenso de que: “a redução da maioria penal não é a solução”; a principal causa da violência é a desigualdade social; o aborto é um direito da mulher; pode-se definir o próprio gênero; uma “educação pública, gratuita e de qualidade é direito de todos”; o porte de armas deve ser proibido; os países europeus têm obrigação de receber refugiados árabes; é preciso combater os carros; vivemos em uma sociedade patriarcal; é preciso corrigir uma injustiça histórica contra os negros. Todas essas são opiniões tipicamente de esquerda, embora adorem se passar por consensos universais.

Mas, pergunta ao leitor, se essas opiniões estão ligadas ao mundo acadêmico e cultural, se são reproduzidas nos maiores jornais do país, será que não são mais embasadas, mais sérias, mais científicas? Como mostra, com sobra de exemplos, o livro que o leitor tem em mãos, a resposta é um definitivo *não*. Essas opiniões não são adoradas por acadêmicos e jornalistas porque estão certas, mas porque lhes dão poder. Por exemplo, se afirma que a economia deve ser gerida pelo Estado, naturalmente especialistas em economia estarão a cargo da gerência. Se, ao contrário, se defende que a economia

deve ser organizada pelas forças do mercado, isso significa que ninguém tem controle sobre ela.

Muitas ideias progressistas são e foram valiosas. Entretanto, elas adquiriram tal autoridade automática e se tornaram tão repetidas, que, atualmente, não passam — pelo menos a maioria delas — de clichês vazios. Expor esses clichês, traçá-los até sua fonte e mostrar por que são um erro teórico e prático é o que fazem aqui Lawrence W. Reed e seus coautores. Quem tiver lido este livro nunca mais verá as discussões públicas, em que abundam os clichês, da mesma forma.

EDUARDO LEVY

Tradutor e professor de inglês. Estudou Filosofia e Letras na Universidade Federal de Minas Gerais além de artes liberais e literatura na Universidade de Wisconsin (EUA), com estudos em diversas outras áreas.

Introdução

Clichês são cansativos, desgastantes e, quase sempre, induzem ao erro. Portanto, por que compilar um livro cheio deles? Porque, quando eles são utilizados a serviço de uma ideologia falha e travestida de algo novo e revigorante, conduzem pessoas bem-intencionadas a becos sem saída.

Embora quase sempre emane das redomas de vidro do meio acadêmico, o progressismo é uma filosofia sem futuro, cuja noção fundamental é a de que uma elite cultural deveria planejar e estruturar as sociedades por intermédio de um poder central. Os progressistas rejeitam muitos dos princípios sobre os quais os Estados Unidos foram fundados, inclusive o de governo pequeno e limitado, liberdade e escolha individualizadas, a santidade do contrato e da propriedade privada e uma economia de livre mercado.

Sob diversos aspectos, existe pouco de verdadeiramente “progressivo” no progressismo. Uma das principais lições da história é que o progresso humano acontece quando os humanos são livres e, mesmo assim, a agenda progressista visa diminuir substancialmente as liberdades enquanto promete o inatingível: um Estado gigantesco, mas, de certa forma, sábio e compassivo. Pelo fato de os progressistas não terem êxito quando expõem para as pessoas suas ideias em termos claros e precisos, eles recorrem a uma sequência infinita de meias-verdades. Esse pessoal faz isso há tanto tempo — mais de um século — que muitas dessas meias-verdades tornaram-se clichês conhecidos por todos, mas frequentemente respondidos de maneira pouco eficaz.

Pense nesta coletânea como um guia de referência útil, independentemente de seu nível de escolaridade ou escolha profissional. Você não precisa ser economista ou filósofo para compreender o que está escrito aqui. Clichês progressistas são apresentados, e depois suas farsas são desvendadas com argumentos convincentes para o público leigo em geral. Para aqueles que são ativamente engajados em promover a liberdade e combater falácias esquerdistas, esta obra será uma contribuição indispensável ao seu arsenal de munição intelectual.

É mais do que uma feliz coincidência a possibilidade de a Fundação para a Educação Econômica (FEE, na sigla em inglês) colaborar com a Fundação da Juventude Americana (YAF, na sigla em inglês) neste importante projeto. Dois outros trabalhos antecederam este livro, quais sejam, duas publicações clássicas da FEE que a YAF ajudou a distribuir no passado: *Clichés of Politics*, publicado em 1994, e, o mais influente, *Clichés of Socialism*, que fez sua primeira aparição em 1962. De fato, esta nova coleção contém alguns capítulos desses dois trabalhos prévios, agora atualizados. Outros registros apareceram antes em certas versões na revista da FEE, *The Freeman*. Outros ainda são novos, inéditos.

Esta antologia de ensaios apareceu sob o título da série on-line *Clichés of Progressivism* [Clichês do Progressismo], de abril de 2014 a abril de 2015, nos sites da YAF e da FEE. Nossas duas organizações têm o prazer de oferecer este livro para um público maior, tanto de recém-apresentados às ideias de liberdade quanto de velhos amigos que buscam respostas atualizadas às enganações em evolução dos estadistas de esquerda.

A ligação FEE/YAF assume uma perspectiva pessoal com o presidente da FEE, Lawrence W. (“Larry”) Reed, como editor deste projeto. Aos 14 anos, Larry foi profundamente afetado pela invasão soviética na Checoslováquia, em agosto de 1968. Em questão de semanas, ele participou de uma manifestação da YAF contra aquela invasão no centro de Pittsburgh, Pensilvânia. Larry se juntou à YAF e devorou o pacote informativo fornecido para os novos membros, que incluía: uma contribuição para a *Freeman*; *A lei*, de Frédéric Bastiat (publicado pela Faro Editorial); *Economia numa única lição*, de Henry Hazlitt; *The Mainspring of Human Progress*, de Henry Grady Weaver; *O caminho da servidão*, de Friedrich Hayek; e, sim, uma edição antiga de *Clichés of Socialism*. Como o próprio Larry colocou: “A mensagem era: ‘Se você quer ser um anti-comunista, tem de ir além de apenas ser contra tanques e armas usados em

peças inocentes. Você também precisa conhecer, de trás para a frente, filosofia e economia.’ A YAF me apresentou à FEE, e agora, quase meio século mais tarde, nós dois estamos apresentando nossos valores em comum a novas gerações de jovens.”

Mais ou menos na época em que Larry começava no “movimento” para a liberdade, eu fazia o mesmo, evoluindo na senda de fundador de subseções para posições de liderança dentro da YAF. Posso confirmar o poder das publicações e dos seminários da FEE produzidos na época, o que ocorre ainda hoje, pois eles também foram fundamentais na evolução do meu pensamento. Tem sido um prazer trabalhar nos últimos anos com Larry para reavivar nossas associações e, por conseguinte, expandir a influência tanto da FEE quanto da YAF.

Desculpe-me, Socialista não tem a pretensão de ser a resposta definitiva para uma ideologia prejudicial. A esquerda, no mínimo, tem se provado uma besta astuta e pérfida. Ele tem agido como aquele jogo de fliperama “Whac-A-Mole”.* Desmascara-se um mito, e outro ergue sua cabeça logo em seguida. E aquele que você desmascarou não deixa de ressurgir de tempos em tempos; quando as pessoas se esquecem de seus embustes implícitos ou quando surge uma nova geração, ele volta a figurar em seus discursos. Este é um projeto que irá demandar nossa constante vigilância no futuro, para que não nos deixemos cair em suas narrativas.

Por fim, quero agradecer a Rick e Jane Schwartz por nos inspirar e tornar possível esta publicação. Rick sempre busca as respostas mais persuasivas possíveis para dar aos seus funcionários e amigos. As intuições de Rick e Jane ajudam a causa libertária de inúmeras maneiras.

RON ROBINSON

Presidente

Fundação da Juventude Americana

Reston, Virgínia

* N. do T.: Trata-se de um jogo em que há vários buracos de onde saem toupeiras, e o jogador precisa bater nelas com um martelo.

1

A desigualdade econômica deriva das forças do mercado e exige intervenção estatal

Por Max Borders

A DESIGUALDADE ESTÁ EM TODOS OS LUGARES. NUMA FLORESTA tropical, árvores de mogno absorvem mais água e luz do sol do que todas as demais plantas e os animais. Em nossos ecossistemas econômicos, empreendedores e investidores controlam a maior parte dos ativos do que o restante de nós. Ninguém dá a mínima para as árvores de mogno, mas há terríveis discussões sobre os mais abastados. Porém, no caso dos ecossistemas e das economias, há ótimas razões para uma distribuição desigual de recursos.

As fontes de algumas formas de desigualdade possuem melhores embasamentos que outras. Por exemplo, a desigualdade que se manifesta em consequência do capitalismo de compadrio — ou “*crapitalismo*”,* como o editor da *Barron*, Gene Epstein, prefere chamá-lo — certamente não é nada desejável. Por isso, é importante que façamos uma distinção entre empreendedores econômicos e empreendedores políticos: os primeiros criam valor para a sociedade; os últimos descobriam como transferir recursos dos outros para seus próprios cofres, normalmente por meio de *lobby* para a obtenção de subsídios, favores especiais ou leis anticoncorrenciais.

Se pudermos desassociar a imagem dos “*crapitalistas*” dos verdadeiros empreendedores, poderemos ver as diferenças entre os aproveitadores e os criadores. E a desigualdade gerada pelo empreendedorismo honesto, longe de

* N. do T.: Contração de *crony capitalism* (capitalismo de compadrio), gerando um trocadilho com *crap capitalism* (capitalismo de merda).

indicar que algo está errado, indica geração de prosperidade para todos. Num sistema em que todos se beneficiam por meio do intercâmbio de conhecimento e da criatividade, algumas pessoas, fatalmente, se tornarão bem-sucedidas. É uma característica natural do sistema — um sistema que recompensa empreendedores e investidores por serem bons administradores do capital. Sem dúvida, quando as pessoas não administram bem o capital, elas tendem a falhar. Em outras palavras, aqueles que fazem maus investimentos ou que não servem bem seus consumidores dificilmente ficarão ricos.

Sempre que ouvíssemos alguém se lamentando da desigualdade, deveríamos reagir de imediato com a pergunta: “E daí?” Algumas das pessoas mais inteligentes (e até mesmo algumas das mais ricas) misturam preocupações com os mais pobres com preocupações sobre os ativos controlados pelos mais ricos. Essa noção está enraizada naquele velho pensamento de soma zero — a ideia de que se um pobre não tem é porque o rico tem. Mas uma pessoa só se beneficia à custa da outra no “crapitalismo”, não sob condições de empreendedorismo honesto e livre comércio.

Com exceção daqueles que lucraram muito contratando advogados e lobistas em vez de pesquisadores e desenvolvedores, indivíduos ricos chegaram a essa condição por criarem grande quantidade de valor para grande quantidade de pessoas. Assim, a ausência de super-ricos, na verdade, seria um péssimo sinal para todos nós — sobretudo para os mais pobres. Com efeito, isso indicaria uma de duas hipóteses: ou que nenhum valor teria sido criado (menos coisas boas em nossas vidas, como iPhones e trufas de chocolate), ou que o governo se comprometera com radicais redistribuições de renda, removendo todo tipo de incentivos significativos para que as pessoas se tornassem criadoras de valor e administradoras de capital.

Sejamos honestos. Quando os recursos estão alocados em investimentos ou em contas bancárias, eles não estão *ociosos*. Ou seja, a maioria dos mais ricos não sai por aí enfiando seus milhões debaixo de colchões ou mergulhando em seus cofres cheios de moedas de ouro. Em condições de estabilidade econômica, esses recursos atuam constantemente na economia. Em condições mais estáveis, parte é destinada para um restaurador criativo do interior na forma de um empréstimo. Outra parte é utilizada por árbitros que ajudam a estabilizar os preços das mercadorias. Outra parte ainda é emprestada a uma enfermeira, que assim poderá comprar sua primeira casa. Sob

circunstâncias normais, todas essas são coisas boas. Mas quando demasiados recursos são interceptados pelo governo, antes de chegarem a esses atores fundamentais das redes econômicas, acabam sendo dilapidados por causa da burocracia federal — um vórtice em que a prosperidade desaparece.

Deveríamos nos lembrar de que, por conta de nossos mercados produtivos, a maioria de nós vive de forma luxuosa. As diferenças nos ativos não são iguais às diferenças nos padrões de vida, embora as pessoas tendam a criar fetiches quanto àquelas. O economista Donald Boudreaux reforça que a fortuna de Bill Gates deve ser cerca de 70 mil vezes maior que a dele. Mas isso significa que Bill Gates ingere 70 mil vezes mais calorias do que o professor Boudreaux? As refeições de Bill Gates são 70 mil vezes mais saborosas que as dele? Seus filhos são 70 mil vezes mais bem-educados? Ele pode viajar para a Europa ou para a Ásia 70 mil vezes mais rápido ou mais seguro? Gates viverá 70 mil vezes mais anos que ele? Hoje, até o mais pobre em um país como os Estados Unidos tem uma vida melhor do que quase qualquer pessoa que vivia no século XVIII e melhor do que dois terços da população mundial.

Ao ouvirmos pessoas aflitas com as desigualdades econômicas deveríamos nos perguntar: será que essa gente está genuinamente preocupada com os mais pobres ou apenas se sente indignada com os ricos? Veja só como distinguir: sempre que alguém reclamar sobre “a disparidade”, pergunte-lhe se ele gostaria que os ricos fossem ainda mais ricos se isso gerasse melhorias nas condições dos miseráveis entre nós. Se ele disser que “não”, estará, assim, admitindo que sua real preocupação é com o que os endinheirados possuem, não com o que falta aos pobres. Se sua resposta for “sim”, então torna-se irrelevante tratar da tal “disparidade”. Depois, você poderá dirigir a conversa para uma preocupação legítima — por exemplo, como melhorar as condições dos mais pobres sem ter que pagar para mantê-los sob a tutela do Estado. Em outras palavras, a conversa verdadeiramente produtiva que deveríamos ter é sobre a *pobreza absoluta*, a *miséria*, não sobre a pobreza relativa.

Na maior parte das discussões sobre desigualdade econômica, uma dinâmica emocional básica encontra-se em atividade. Determinada pessoa se dá conta de que tem menos do que outra, e passa a sentir inveja. Porventura, percebe que tem mais do que outra, e sente culpa. Ou vê que alguém tem mais do que outros, e sente indignação. Inveja, culpa e indignação. São essas as emoções que deveriam motivar as políticas sociais? Quando começarmos a

compreender as origens da riqueza — empreendedores honestos e administradores do capital em um ecossistema desigual desde a raiz — poderemos aprender a deixar nossas emoções mais primitivas para trás.

RESUMO

- Desigualdades econômicas, como traços de personalidade que formam cada indivíduo, são uma característica inata da humanidade.
- Quando há um aumento natural da desigualdade econômica no mercado, isso reflete amplamente na capacidade dos indivíduos de servirem seus semelhantes; quando tal aumento ocorre por ligações políticas, a injustiça e a corrupção tomam conta.
- Permitir que a desigualdade econômica ocorra, contanto que não seja derivada de ações políticas, inevitavelmente, eleva o padrão de vida de todos.
- Preocupações pelos “pobres” é, quase sempre, uma mera forma de disfarçar inveja ou desdém pelos “ricos”.

2

Como nossos recursos estão acabando, o governo precisa gerenciá-los

Por Max Borders

MILTON FRIEDMAN DISSE, CERTA VEZ, QUE SE COLOCASSEM O governo federal para administrar o deserto do Saara, em cinco anos haveria escassez de areia. O grande economista não estava apenas querendo ser engraçado, não obstante apontasse para um problema muito grave acerca do gerenciamento governamental dos recursos. Neste capítulo, responderemos por que esse é um problema. Antes, porém, deveríamos fazer a seguinte pergunta: por que existe tanta preocupação de que acabaremos com nossos recursos? Como podemos chegar a um equilíbrio razoável entre o uso de recursos e sua conservação?

Quando a maioria dos indivíduos pensa em recursos, logo lhes ocorre a possibilidade de eles se esgotarem. E esgotar um recurso qualquer significa que não sobrá nada para as gerações futuras. Isso assusta as pessoas. A ideia que se tem é algo como isto: *se os pais deixarem os filhos mexerem na comida logo na primeira noite do acampamento, não restará nenhum sanduíche para o piquenique*. Os pais, imbuídos de sabedoria, racionam os recursos e restringem o acesso das crianças aos alimentos, para que haja alguma coisa para mais tarde. Aqueles que acreditam que o governo deveria gerenciar os recursos imaginam que o governo terá o mesmo comportamento de pais sábios. Mas será verdade?

O que talvez você não tenha percebido é que as pessoas no mercado — sob certas condições — encontram um equilíbrio entre consumo e conservação, o que alguns podem chamar de “sustentabilidade”. Mas, antes de tudo, deve haver um mecanismo mercadológico completo. Isso pode ser difícil de

compreender para algumas pessoas, porque a maioria delas acha que mercados *causam* consumo excessivo. E certos tipos de mercados podem causar mesmo.

Mercados saudáveis só existem sob determinadas regras. E três dessas regras são as principais: propriedade privada, indicadores de preço e lucro. Essas são as condições básicas de negociação. Sem elas, não há mercado saudável.

Propriedade privada significa que um indivíduo possui toda a propriedade de um recurso. Nós sabemos quem é o proprietário, quanto ele possui, e esse direito não lhe pode ser tolhido arbitrariamente. O proprietário também pode ter a liberdade de alienar o recurso. O que significa que conhecemos a diferença entre meu e seu, e, sendo assim, temos condições de conservar, negociar ou consumir.

Preços são o que o economista Steven Horwitz chama de “informação embrulhada em um estímulo”. Quando o preço de algum recurso sobe bastante, os proprietários obtêm um estímulo para fazer aquilo que bem entenderem. Eles podem usar uma quantidade menor do recurso (ou seja, *conservá-lo*); talvez encontrem novas maneiras criativas de aumentar o fornecimento do recurso; ou podem encontrar um substituto, o que acaba por conservar o recurso. Claro que fazemos uma escolha desse tipo quando esperamos retornos futuros, também conhecidos como *lucro*. E nesse equilíbrio criado por preços, propriedade e lucro, os mercados conciliam uso com conservação.

Considere um recurso que já foi muito requisitado: óleo de baleia. O óleo de baleia era usado como fonte de energia no século XIX. Mas no caso das baleias, faltava um dos três componentes. Os baleeiros tinham preços e lucro, mas nenhuma propriedade privada. As baleias pertenciam ao que é conhecido como Bens Comuns — o que significava que qualquer um poderia caçá-las. Não é surpresa nenhuma que elas tenham sido caçadas até quase a extinção. Por ninguém deter a propriedade delas, os baleeiros tinham o estímulo perverso de que, quanto mais rápido elas fossem caçadas, melhor. Logo as baleias se tornaram escassas. De fato, como o número de baleias diminuiu, o preço individual do cetáceo subiu, e os estímulos à caça aumentaram. Porém, isso não ocorre se estiver em vigor um robusto regime de propriedade privada. Se as pessoas pudessem deter a propriedade das baleias, o estímulo delas não seria devastar todos os espécimes de maneira nada sustentável, mas fazer uma criação desses animais. (Ironicamente, os combustíveis fósseis salvaram as baleias graças à substituição.)